

Faltam bases estruturais para crescimento, diz professor da FEA

*Estabilidade do real
não impediu
comportamento
ciclotímico da economia*

ISABEL DIAS DE AGUIAR

A economia brasileira é, historicamente, marcada por uma "enorme" ciclotimia, segundo definição do economista Eduardo Gianetti da Fonseca, professor da Faculdade de Economia e Administração (FEA) da Universidade de São Paulo (USP). Nem mesmo o Plano Real proporcionou crescimento duradouro, afirmou o professor em palestra com o tema "O que esperar do Brasil no final do século", quinta-feira à noite. Gianetti dirigiu-se a empresários durante uma sessão do Fórum Permanente de Debates sobre a Realidade Brasileira do Centro de Integração Empresa-Escola (Ciee), na sede da instituição.

A partir de 1994, segundo afirmou, a economia brasileira cresceu em média 2,3% ao ano. Na realidade, não houve crescimento porque a expansão demográfica foi de cerca de 2% ao ano. A ciclotimia no período do Real acentuou-se, disse, com o crescimento sendo abortado pela contração da economia, sucessivamente. Para ele, o que "amarrou" o desenvolvimento

foi a "extravagância" da política de câmbio valorizado. A oscilação do nível de atividade passou a ocorrer em ciclos mais curtos. Gianetti comparou o comportamento da economia a uma montanha-russa.

Após período de quatro anos de moeda estabilizada, o Brasil não está ainda posicionado para voltar a crescer, acredita. Inúmeros fatores restringem a expansão da economia. A política de juros elevados e a incapacidade da formação de poupança impedem o desenvolvimento.

O País, no entanto, está em situação melhor do que no passado, disse. O fim da inflação acelerada permitiu maior transparência da economia.

Num rápido apanhado histórico, o professor da FEA disse que o País nunca contou com bases estruturais sólidas que sustentassem a expansão da economia. A exceção ocorreu nas décadas de 60 e 80, quando a renda cresceu 4,5% ao ano, em média. Se o País tivesse mantido ritmo de crescimento semelhante ao daquele período, a renda nacional seria hoje no mínimo o dobro da atual, afirmou.

Gianetti disse que a sociedade nunca se mostrou disposta ao sacrifício. As gerações preferiram importar poupança a submeter-se ao desconforto de reunir riqueza para financiar o desenvolvimento.

13 NOV 1999

O ESTADO DE SÃO PAULO